

Qual o custo de uma boa intenção?



» RENATO CORREIA
Presidente da Câmara
Brasileira da Indústria da
Construção (CBIC)

Viver mais é um objetivo legítimo para todo trabalhador. A proposta de reduzir a jornada de trabalho nasce de um desejo genuíno: devolver tempo às pessoas — tempo para a família, para o descanso, para a vida que existe fora do canteiro de obras, do escritório, da fábrica. Gerador intensivo de emprego formal, o setor da construção não é contra o direito ao descanso e cultiva como paradigma a valorização do trabalhador. Porém, no momento em que o Congresso Nacional discute mudanças na escala semanal e diante de um cenário de baixa produtividade, é essencial endereçar soluções para o impacto financeiro que será imposto às empresas do setor.

A redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais pode elevar em até 15% os custos com mão de obra na indústria da construção, um impacto de R\$ 155,6 bilhões por ano, ou exigir a contratação de 288 mil novos trabalhadores, com custo adicional de R\$ 13,5 bilhões anuais. Aprovada, a mudança encareceria em 10% o custo da hora trabalhada, elevando a remuneração média de R\$ 15,01/hora para R\$ 16,51/hora. O efeito seria mais severo nas micro e pequenas empresas, que respondem por 98,7% dos mais de 300 mil estabelecimentos do setor,

e nas construções populares, onde a mão de obra representa quase 60% do custo — proporção que varia entre 41% e 54% nos demais padrões.

Tais dados reforçam a preocupação do setor, que tem defendido uma discussão mais criteriosa sobre a jornada de trabalho no Brasil, com uma abordagem técnica e considerando aspectos que farão diferença, como a baixa produtividade do trabalhador e a falta de mão de obra em alguns segmentos econômicos. Essas questões estão associadas diretamente à construção, que carrega o dilema de ser um gerador intensivo de postos de trabalho formais enquanto enfrenta dificuldade na contratação de novos entrantes em diversas regiões do país.

Estudamos o impacto da redução da jornada para dimensionar o tamanho do desafio e identificar caminhos possíveis. Estamos diante de dois cenários para compensar a perda de aproximadamente 600 mil horas de trabalho anuais. O primeiro é reduzir o ritmo de atividade sem repor as horas perdidas: esse caminho teria efeito sobre toda a nossa cadeia produtiva, levando ao atraso de obras em andamento, reduzindo a oferta de imóveis e agravando o déficit habitacional no Brasil.

A segunda alternativa é a contratação de novos trabalhadores. Para repor as horas perdidas, o setor precisaria admitir 288 mil novos celetistas, sendo 111 mil só na construção de edifícios, 98 mil em serviços especializados e 79 mil em obras de infraestrutura. O custo adicional seria de R\$ 9,9 bilhões por ano, valor que sobe para R\$ 13,5 bilhões quando incluídos os encargos previdenciários e trabalhistas básicos. Com isso, o gasto total do setor com mão de obra passaria

dos atuais R\$ 135,3 bilhões para R\$ 148,9 bilhões anuais — uma alta de 10%. Essa saída esbarra em uma realidade já conhecida pelo setor: a falta de mão de obra qualificada e não qualificada em um mercado de trabalho que finalizou 2025 com o seu menor índice de desemprego (5,1%) desde 2012, segundo o IBGE.

O setor da construção já opera com custos acima da inflação e seu nível de atividade ainda está 9,43% abaixo do pico de 2014, mesmo após a recuperação pós-pandemia. Os efeitos da redução da jornada de trabalho tendem a ser maiores na habitação popular, segmento em que a mão de obra representa quase 60% do custo das obras e o desempenho da construção ancora políticas sociais destinadas a entregar cidadania e qualidade de vida para a população de mais baixa renda e mesmo a classe média que ainda não conquistou o sonho da casa própria.

Mas não é só: esse cenário terá reflexos também sobre o provimento da infraestrutura e obras industriais, segmentos estratégicos para o desenvolvimento e competitividade da economia, em que o Brasil ainda registra não apenas amplo potencial de crescimento, como déficit — caso da infraestrutura. Combinados, esses fatores sustentam a necessidade de uma discussão mais ampla e realista, que crie as condições necessárias para alcançarmos esse benefício para o trabalhador brasileiro.

A redução de jornada e o aumento da produtividade não podem caminhar separados, pois são faces da mesma moeda. Esse debate exige uma resposta clara: quem pagará o preço de uma boa intenção? Da forma como está proposto, toda a sociedade brasileira pagará.

Maurenilson Freire/CB/DA Press



Comunicação de mãe para filho em tempos de guerra



» GIOVANNA JARDIM
Relações públicas e
especialista em comunicação
corporativa e gestão de crises

Foi durante a pandemia que uma pergunta simples ganhou um peso inesperado. Meu filho, então com 12 anos, vivia a rotina instável das aulas on-line quando um professor perguntou: “O que você quer ser quando crescer?”

A resposta veio imediatamente: “Como eu vou saber se nem sei quais profissões vão existir depois da pandemia?” Aquilo não era dúvida. Era percepção.

A pandemia acelerou transformações que já estavam em curso. Em poucos meses, avançamos anos em digitalização, trabalho remoto e novas formas de comunicação. Desde então, a velocidade só aumentou. A inteligência artificial (IA) entrou no cotidiano, as big techs passaram ao centro do debate e, com isso, surgiram novas camadas de incerteza.

Hoje, essa incerteza ganha contornos mais duras. As guerras voltaram ao centro da vida, não como algo distante, mas como imagens e informações fragmentadas que chegam em tempo real às telas dos nossos filhos, onde quer que estejam.

É aqui que a comunicação deixa de ser técnica e passa a ser humana. Como explicar uma guerra sem ampliar o medo? Como falar de

disputas geopolíticas quando a pergunta real é: o que isso significa para o nosso futuro?

Confesso: muitas vezes, eu não sei responder. Sou profissional de comunicação, trabalho com cenários de incerteza todos os dias. Mas, diante do meu filho, há um limite: não basta ser assertiva, é preciso ser honesta.

E, às vezes, a única resposta possível é um pedido de desculpas. Desculpa, meu filho, quando eu não sei te dizer o que vem a seguir. Desculpa quando as informações se contradizem mais rápido do que consigo interpretá-las. Desculpa quando tento te dar segurança, mas também estou tentando entender.

Porque, neste momento, eu não sei se há negociação real ou se estamos à beira de uma escalada. Não sei até onde vão os limites, nem quem os controla. Não sei se o risco de uma nuclearização é remoto ou iminente ou o quão rápido isso pode mudar. Não sei medir o tempo entre um discurso e uma ruptura. Consigo explicar impactos imediatos, como a pressão sobre o petróleo. Mas não sei, com a mesma precisão, como ficarão, no médio e longo prazo, os recursos naturais e as bases econômicas do mundo que você vai herdar.

E, talvez, o mais difícil seja admitir que há perguntas suas que continuam sem resposta, não por falta de esforço, mas porque o mundo também não as tem.

Se há algo que posso te ensinar, é que os medos são diferentes. É difícil explicar para quem vive em regiões marcadas por conflitos, como o Oriente Médio, que também convivemos com medo, ainda que de outra natureza, como a

violência cotidiana. Não se trata de comparar dores, mas de reconhecer que o medo existe e precisa ser acolhido.

Crianças e jovens, em qualquer lugar, vivem hoje sob os impactos de um mundo interligado. Isso já afeta a economia, a política e, inevitavelmente, o futuro.

Eu não tenho todas as respostas. Mas preciso que você siga resiliente. A humanidade já atravessou outros períodos de incerteza. Há algo que se repete: o desejo de sobreviver, reorganizar-se e seguir em frente. Esse impulso também está no papel de quem cuida.

Agarre-se à fé. Não apenas à fé religiosa, que pode ser importante para muitos, mas também à fé no ser humano. Na capacidade de reconstruir, mesmo em meio ao caos. Eu espero, em pouco tempo, conseguir te dar mais certezas. Essa é, afinal, uma das minhas funções. Mas, até lá, talvez o mais importante seja isto: em tempos de guerra, mais do que respostas, o que sustenta o futuro é a forma como escolhemos preservar a esperança.

Talvez seja justamente por isso que comunicar não é explicar o mundo e, sim, sustentar a humanidade possível dentro dele.

Escrevo este texto do Oriente Médio, em meio a sirenes que anunciam possíveis ataques, entre alertas sobre drones hostis e mísseis, e uma avalanche de informações fragmentadas que chegam em tempo real pelas redes. Meu filho não está aqui comigo, mas acompanha tudo com atenção e tenta, como tantos jovens, entender o que isso significa para o seu presente e para o seu futuro.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br



A Europa hoje é o nosso amanhã

É muito mais que uma crise. A Europa passa por um processo acelerado de desgaste cultural, político e institucional que suas lideranças insistem em tratar como fenômeno passageiro. Não o é. O que está em curso é uma mudança estrutural, e a recusa em nomeá-la com clareza pode custar caro ao futuro do continente.

O primeiro sinal dessa transformação está nas ruas das grandes cidades europeias. Paris, Bruxelas, Berlim, Estocolmo, todas enfrentam, em maior ou menor grau, dificuldades concretas de integração de populações imigrantes, especialmente oriundas de países de maioria islâmica. Não se trata de retórica: são bairros segregados, aumento da tensão social, episódios recorrentes de violência urbana e uma sensação crescente de perda de controle por parte do Estado.

A narrativa oficial insiste em classificar esses problemas como “desafios de inclusão”. Mas essa formulação suave esconde um fato mais duro: o modelo multicultural europeu falhou em produzir coesão. Em vez de integração, o que se observa, em muitos casos, é a formação de sociedades paralelas, com códigos culturais próprios e, por vezes, em choque com os valores liberais que sustentaram a Europa moderna.

Negar esse conflito não o elimina, apenas o agrava. Isso não significa, como frequentemente se afirma de maneira alarmista, que a Europa esteja prestes a se tornar um “continente islâmico”. Esse tipo de previsão simplifica uma realidade muito mais complexa. No entanto, também é um erro negar que há uma mudança demográfica e cultural relevante em curso, e que ela vem sendo administrada com hesitação e, muitas vezes, com medo de enfrentar o debate de forma franca.

Ao mesmo tempo, a União Europeia demonstra sinais claros de desgaste como projeto político. A promessa de prosperidade e estabilidade deu lugar a uma estrutura percebida como burocrática, distante e incapaz de responder com rapidez a crises sucessivas, sejam elas econômicas, migratórias ou geopolíticas.

O Brexit não foi um acidente isolado, mas um sintoma visível de um mal-estar mais profundo. A centralização de decisões em Bruxelas, muitas vezes desconectadas das realidades nacionais, alimenta o crescimento de movimentos que questionam não apenas políticas específicas, mas a própria ideia de integração supranacional.

Um dia ela foi exemplo de coordenação entre nações soberanas, hoje, a Europa parece presa entre a necessidade de união e o impulso de fragmentação. Mas, talvez, o aspecto mais sensível dessa crise esteja no campo cultural. A Europa contemporânea vive uma redefinição acelerada de valores, família, identidade, religião, pertencimento. As chamadas pautas identitárias ganham espaço e influência, promovendo mudanças reais na legislação, na educação e no debate público.

Para muitos, isso representa avanço e ampliação de direitos. Para outros, uma ruptura brusca com fundamentos históricos da civilização europeia. O problema não está na existência dessas pautas, mas na forma como o debate tem sido conduzido: frequentemente polarizado, intolerante a divergências e incapaz de construir consensos mínimos. Em vez de fortalecer o tecido social, o confronto constante tende a fragmentá-lo ainda mais. Quando a isso se soma uma crise de identidade de um continente que já não sabe definir com clareza o que é, o que defende e quais são seus limites, o resultado é previsível: insegurança, reação e radicalização.

É nesse ambiente que crescem tanto movimentos nacionalistas quanto formas mais rígidas de afirmação cultural dentro de comunidades imigrantes. Um alimenta o outro. E o centro político, historicamente responsável pelo equilíbrio europeu, perde espaço. A Europa, portanto, não está “acabando”. Mas está, sim, enfraquecida e, sobretudo, indecisa. E essa hesitação é, talvez, seu maior risco.

Para a América Latina, o cenário europeu funciona como um aviso — não como um destino inevitável, mas como um exemplo de como múltiplas crises podem se sobrepor quando não enfrentadas com clareza. Importar, de forma acrítica, debates europeus sobre identidade, cultura e organização social pode produzir distorções profundas em sociedades com trajetórias completamente diferentes.

Com os próprios desafios, a América Latina ainda traz desigualdade, fragilidade institucional, violência e não pode se dar ao luxo de incorporar conflitos externos sem reflexão. Ao mesmo tempo, há lições importantes: a necessidade de políticas de integração eficazes, a importância de preservar coesão social e o risco de permitir que o debate público seja capturado por extremos. A realidade não é morna. Mas também não é simples.

Na Europa, não há o enfrentamento a uma única ameaça, nem a um único culpado. Enfrenta o acúmulo de decisões mal calibradas, omissões prolongadas e uma dificuldade crescente de encerrar os próprios dilemas sem recorrer a slogans sejam eles otimistas ou apocalípticos. O futuro do continente dependerá menos de narrativas e mais de escolhas concretas.

A frase que foi pronunciada:

“A Europa precisa encontrar um equilíbrio entre responsabilidade e solidariedade.”

Angela Merkel

Burj Khalifa

» Foram usados 330 mil metros cúbicos de concreto e 100 mil toneladas de aço. O prédio mais alto do mundo tem 828 metros de altura e foi construído em seis anos. Já em Brasília, uma década é necessária para a reforma de um teatro e, até hoje, não é possível atravessar da Asa Norte à Asa Sul pelo Eixão sem passar por uma obra, que parece eterna.

História de Brasília

O presidente João Goulart chegou a Brasília depois de muito tempo, mas, pelas boas notícias que trouxe, compensou a ausência, na qual teve mais tempo para meditar sobre o Distrito Federal. (Publicada em 17/5/1962)